PNV 381

Águas da Resistência

Luana Almeida
Marília Pinto
Sônia Gomes Mota
(orgs)

São Leopoldo/RS

2019

© Centro de Estudos Bíblicos
Rua João Batista de Freitas, 558
B. Scharlau – Caixa Postal 1051
93121-970 – São Leopoldo/RS
Fone: (51) 3568-2560
vendas@cebi.org.br
cebi.org.br

Série: A Palavra na Vida – Nº 381 – 2019

Título: Águas da Resistência

Organização: Luana Almeida, Marília Pinto & Sônia Gomes Mota

Revisão ortográfica: Nelson Kilpp

Capa: Anderson Augusto de Souza Pereira

Editoração: Rafael Tarcísio Forneck

ISBN: 978-85-7733-322-6

Luana Almeida, Graduada em Comunicação Social com habilitação em jornalismo pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Mestre em Comunicação Midiática, com foco em comunicação comunitária e alternativa, pela UNESP (2011). Analista em Comunicação na Coordenadoria Ecumênica de Serviço – CESE.

Marília Pinto, Graduada em Comunicação Social com habilitação em Relações Públicas pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). MBA em Marketing pelo Centro Universitário Jorge Amado(2014). Analista em Comunicação na Coordenadoria Ecumênica de Serviço – CESE

Sônia Gomes Mota, Graduada em Teologia pelo Instituto de Educação Teológica da Bahia. Graduada em Filosofia pela Universidade Federal da Bahia. Mestre em Teologia (2003) pela Faculdades EST. Pastora da Igreja Presbiteriana Unida – IPU. Diretora Executiva da Coordenadoria Ecumênica de Serviço – CESE.

Sumário

Apresentação 5

Mulheres e água, juntas resistindo pela vida!
Leila Cristina Lemes dos Santos Morais e Lucimone Maria de Oliveira 8

Água: Um bem comum (1Rs 17)
Adriano Portela dos Santos 16

Água como fonte de transformação (Êx. 15.22-27)
Shirley Batista dos Santos Proença 23

Água, Bênção e Renovação (Gn 1.6-10; 7.17-24)
Renato Küntzer 29

Água fonte de saúde
Neusa Maria Gomes da Silva 37

Água: Fonte de vida
Camila Mantovani e Helivete Ribeiro 44

Falta de água: Um problema com nome de mulher
Claudia Florentin Mayer 52

Fama 2018: Mensagem das Religiões e Espiritualidades aos Povos 61

Referências de Vídeos sobre a luta pela água no Brasil 64

Apresentação

"... porque tive sede e me deste de beber!"
(Mt 25,35b)

Você tem em suas mãos mais uma publicação da Campanha Primavera para a Vida, que a CESE realiza desde 2000. Durante todos esses anos, os temas abordados nas Campanhas expressaram o nosso compromisso de estimular e contribuir com as igrejas em suas reflexões e posicionamentos na afirmação e defesa da Justiça, Paz e Integridade da Criação. Nos últimos anos, em parceria com o CEBI, temos publicado cadernos com estudos bíblicos para serem utilizados nos grupos de estudo.

Este ano, o tema escolhido é **Águas da Resistência** e nos inspiramos no texto bíblico "... porque tive sede e me deste de beber!" (Mt 25,35). A água é um elemento muito frequente na escritura sagrada. Ela se encontra desde o Gênesis, onde o poema da criação nos diz que "o espírito de Deus se movia sobre a face das águas" (Gn 1,2), até o Apocalipse, que nos apresenta a cidade do futuro de onde brota um rio de água viva (Ap 22,1s): uma imagem para a nova relação entre Deus e a humanidade, em que todas a partilha justa e a fraternidade entre as pessoas terão sua plena realização.

Ao longo da Bíblia, encontramos incontáveis referências à água; elas sempre nos apresentam significados diferentes: ora designam a presença de Deus, vida, bênção, encontro, purificação; ora, o caos, morte, destruição e

ausência de Deus. O próprio Jesus Cristo usa a água para falar dele como "fonte de água da vida".

Na tradição cristã, como em outras tradições religiosas, "água é vida"; todas as pessoas devem ter acesso a ela como um direito humano a ser respeitado. No entanto, este recurso está cada vez mais ameaçado, não só pela falta de cuidado com este bem precioso, mas também por seu uso indevido. Isso faz com que ele se torne escasso e, por conseguinte, negado a muitas populações. Há uma crise mundial de água.

O Brasil é um dos países mais ricos em água doce. Suas grandes bacias hidrográficas constituem 12% da água doce existente no mundo. É o único país de dimensões continentais onde chove em todo o território. Entretanto, a situação de nossas águas é uma lástima. Aproximadamente 110 mil km de trechos de rios brasileiros estão contaminados por esgoto industrial, doméstico, metais pesados e agrotóxicos. Do ponto de vista do consumo, 16, 5% da população brasileira não tem acesso a água potável; 57,4% do esgoto produzido não é tratado, mas jogado *in natura* nos rios brasileiros. Cerca de 105 milhões de brasileiros vivem em estado de insegurança quanto à água que consomem. Uma outra situação desperta nossa indignação: sabemos que o "bem comum" água está sendo privatizado em diversos lugares, ou seja, o que era para ser "gratuidade" para todos virou comércio. Algumas pessoas estão "autorizadas" a usufruir dela como se fosse sua propriedade exclusiva e não um bem comum a que todas as pessoas devem ter direito.

Não é de agora que as igrejas cristãs são desafiadas a se posicionar profeticamente diante deste grave atentado a nossa Casa Comum. Muitas pessoas estão sedentas de água para beber e de vozes proféticas que denunciem o abuso que se tem cometido contra este bem comum, de vozes que as ajudem a saciar a sua sede de justiça. Se reconhecemos que a água é uma dádiva divina e, portanto, um direito de todos, ela não pode ser reduzida a uma mercadoria ou a um bem particular.

Esperamos que esse material possa ser amplamente usado, pois além da Palavra da Bíblia ele traz também Palavras da Vida. São casos concretos, vidas de pessoas e de grupos impactados por projetos de morte que atentam contra o bem comum água e histórias de grupos e/ou pessoas que enfrentam a tentativa de privatização e do uso exclusivo da água. Como cristãos e cristãs devemos nos posicionar, pois a missão de salvaguardar a Criação e cuidar da nossa Casa Comum não é uma ação a mais de nossas igrejas, mas um compromisso constitutivo de nossa fé e testemunho. Soa aos nossos ouvidos a palavra de Jesus: "Vinde benditos/as de meu pai, porque tive sede e me deste de beber".

Marcus Barbosa Guimarães
Presidente da CESE
Padre da Igreja Católica Apostólica Romana

Sônia Gomes Mota
Diretora Executiva da CESE
Pastora da Igreja Presbiteriana Unida

Rafael Rodrigues da Silva
Diretor Nacional do CEBI

Mulheres e água, juntas resistindo pela vida!

Leila Cristina Lemes dos Santos Morais[1]
Lucimone Maria de Oliveira[1]

a) Preparar um ambiente acolhedor: colocar as cadeiras em círculo, trazer para o centro símbolos: água, terra, sementes e a Bíblia.
b) Dar as boas-vindas
c) Invocar a luz do Espírito Santo
d) Apresentar brevemente a motivação para o encontro
e) Canto inicial

Mantra

Mudarei o sertão em açude, terra seca em olho d'agua.

Assim falou o Senhor das andanças, pra dar a seu povo a esperança. (Bis)

Entrar com uma vela acesa enquanto se canta o mantra e colocá-la no centro.

1 Agentes da Comissão Pastoral da Terra.

Introdução

A água é fundamental para a vida. As mulheres sempre garantiram o bem viver de suas famílias, sentiram as consequências da restrição de água de forma profunda. Sempre foram elas que zelaram por este bem comum, armazenando e percorrendo longas distancias para buscá-la em tempo de escassez. Agora mais do nunca é tempo de unir forças para proteger a vida. Para resistir aos impactos do agronegócio e dos grandes projetos irresponsáveis de infraestrutura e garantir a proteção da água e biodiversidade, é preciso que elas tenham o direito de fazer suas escolhas, principalmente em suas casas.

Águas e mulheres a partir da Bíblia – Gn 16 e Jo 4,5-15

(fazer memória dos textos ou escolher um para ser lido)

Na Bíblia, as mulheres são mencionadas muitas vezes em conexão com lugares públicos. O poço é um desses lugares onde encontramos ações de mulheres. Nas proximidades dos poços são decididas questões de âmbito familiar e de grupos. Eram as mulheres que tinham a tarefa de buscar água para o cuidado da casa. Esse lugar de mulheres se torna espaço público. São espaços onde a mulher exercita liderança. Nesse sentido, esse espaço das águas se torna também um espaço político.

Pesquisando os textos bíblicos que apresentam a temática dos poços vamos perceber que há uma diversidade de atividades acontecendo nas proximidades do espaço da água, envolvendo diferentes grupos: pastores e pastoras (Gn 29; Ex 2,16), mulheres (Gn 16; 21), jovens para acertar namoros (Gn 24; Ex 2,16; Ct 4,12-15; Pr 5,15-18). O poço era também lugar para as celebrações e festas (Nm 21,17; Gn 16,13-14; 26,33; Jz 5,11). “Em uma região árida como a terra da Bíblia, cada fonte, cada olho d’água, cada poço, é quase um milagre. Toda fonte é sinal forte da bênção divina, um presente de seu amor.” (Marcelo Barros)

Tomaremos como exemplo para essa reflexão sobre águas e mulheres dois relatos: em Gn 16, temos memórias de Agar e, em Jo 4, memórias de uma mulher Samaritana.

Seguiremos as reflexões de Mercedes Brancher (1996) sobre Gn 16. Ela afirma que a narrativa sobre Agar foi produzida em tempos diferentes, possivelmente em três fases. "Seu inicio fundante está na história de luta de Agar. E esta história há de ter tido seu nascedouro no mundo da oralidade. Creio que ainda podemos identificar o contexto e o espaço em que a história de Agar, a nível oral, foi criada e transmitida. A base de Gn 16 é uma memória popular que tem sua origem entre as mulheres escravas. O miolo desta história antiga era o conflito que as escravas viviam nas famílias. O texto nos aponta para o espaço da fonte e do poço (v.7-8.14) como um possível lugar onde se conservaram as memórias. Os v.13-14 mostram que o poço era um espaço onde as escravas celebravam a sua experiência de fé. Expressavam sua maneira de comunicar-se com sua divindade. Entende-se que este espaço foi fundamental para as escravas guardarem suas memórias de resistência e luta pela dignidade e emancipação. Em Gn 16,7-8 mostra-se que, na fonte, Agar começa a falar. Ela tem palavra própria e consciência de sua realidade social. Entendemos que ali as mulheres podiam fazer suas reuniões e partilhar suas experiências cotidianas, ao buscar água ou quando davam de beber a rebanhos."

Em Jo 4 acolhemos as memórias sobre uma mulher da Samaria que protagonizou um diálogo teológico com Jesus. O lugar teológico desse diálogo foi o poço. É muito importante refletir sobre esse encontro, considerando a fala da mulher, suas questões cotidianas, como o fato de ter que buscar água. É fundamental nessa reflexão considerar também o seu empoderamento: ela estava no seu lugar. Assim como Agar, também a Samaritana tinha, junto às águas, o poder da fala. Naquele momento se deu o encontro entre saberes diferentes, um verdadeiro diálogo inter-religioso.

Queremos assumir aqui a reflexão de Ivoni Richter Reimer (2010). Ela diz que: "O poço e a água são também na antiguidade, e nas tradições judaica e samaritana, lugar de espiritualidade cotidiana, de diálogo, de reflexão sobre a vida. O compartilhar das águas, em tempos que ameaçam matar de sede, matar por falta de sentido, faz parte de uma profunda vivência de espiritualidade da compaixão e da solidariedade. Um dos primeiros passos nesta vivência é deixar que sejamos transformados em 'água' para outras pessoas, para refrescar diante do calor, para lavar feridas, para estabelecer laços de paz, e não de guerra, entre pessoas, povos, culturas e ambientes."

A busca da água era prática das mulheres era sua obrigação de alimentar e saciar a sede da família e dos animais. No poço a mulher encontra Jesus que lhe pede água, e ela dá a ele de beber, sacia sua sede e Jesus oferece água viva: "quem beber nunca mais terá sede". É uma troca de águas. A Samaritana pede desta água, pois o poço é longe e difícil o acesso. A água que sacia a sede está na ação e não na espera, pois as sedes são muitas e precisam da nossa intervenção.

Refrão

"Elas estão chegando, pelas portas e janelas, avenidas e vielas, elas estão chegando." (bis)

Olhando a realidade

Vamos conversar?

- O poço de Jacó era o lugar de acesso a água. De onde vem a nossa água hoje? Todos têm acesso?
- Como as mulheres estão sendo afetadas pela captura das águas por parte dos grandes projetos (mineração, monocultura, irrigação e outros)?
- Quais iniciativas de luta e defesa pela água existem em seu bairro, comunidade, grupo?

Vamos meditar
fechar os olhos, acomodar na cadeira, escutar a música e senti-la em seu corpo.

A Força Que Nunca Seca, de Chico César (escutar a música ou fazer a leitura)

Já se pode ver ao longe
A senhora com a lata na cabeça
Equilibrando a lata vesga
Mais do que o corpo dita
Que faz o equilíbrio cego
A lata não mostra
O corpo que entorta
Pra lata ficar reta
Pra cada braço uma força
De força não geme uma nota
A lata só cerca, não leva
A água na estrada morta
E a força que nunca seca
Pra água que é tão pouca

Reflexão

"O corpo que entorta, pra lata ficar reta!" – De quem são esses corpos? Que latas carregamos hoje?

"A lata só cerca, não leva, a água na estrada morta." – A lata é uma opção? Ou é um instrumento que se carrega? Os pesos que carregamos nesta lata é sua escolha?

"E a força que nunca seca, pra água que é tão pouca" – Façamos ressurgir a nossa resiliência, resistência e esperança. Para que se espalhem, "pois mulheres são como águas quando se juntam viram um mar".

Bênção final

Em círculo, bem próximos, orar juntos:

Fica conosco ó Deus/ Tu nos revelaste o teu amor de mãe/ a nós que experimentamos o peso das faltas e tensões/ pela força da terra, mãe da vida/ o Deus do Universo/ abençoa a nós/ e a todas as tuas criaturas /com teu amor agora e sempre,/ amém!

HISTÓRIA DE VIDA
A potência e a resistência de quem luta pela vida dos rios

Pés firmes e descalços, velocidade e euforia. Esse era o preparo para dar saltos mortais no rio Corrente, na comunidade de Silvânia, município de Correntina – Ba. E se o brincar, por si só, já era tão benéfico, relacionado diretamente com os rios, animais, florestas, então, era ainda mais transformador. "Um dos desafios que a gente fazia era atravessar o rio nadando de esteio a esteio. A água era tão forte que poucos de nós conseguiam atravessar. Muitos nem chegavam à metade", relembra Andreia Neiva, 36 anos, ribeirinha da região e militante do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB).

Hoje, por mais corajosas e aventureiras que as crianças sejam, fazer acrobacias nos recursos hídricos tornou-se bastante perigoso e nadar em águas secas já não é tão desafiador assim. Para Andreia Neiva, os aspectos relativos à cultura infantil ribeirinha, a valorização da identidade e do modo de vida das populações tradicionais têm perdido espaço para o agronegócio que seca rios, desmata e destrói laços: "Há um desnível muito grande desde a chegada do agronegócio. O rio está praticamente pela metade. "

Com o modelo de desenvolvimento já instalado na região, a água se tornou o bem mais cobiçado pelas transnacionais. Moradores/as acompanham de perto o vazamento dos rios e sentem na pele os efeitos dos

venenos que são escoados pela chuva. Mas isso não é tudo! A partir dos anos 2000, a região passa a ser cobiçada como fonte significativa de lucro para a geração de energia. Há inúmeros projetos de construção de Pequenas Centrais Hidrelétricas (PCH).

No rio Corrente, a PCH chamada Fazenda Diogo, proposta pelo Grupo Neoenergia e Iberdrola, proprietários da Companhia de Eletricidade do Estado da Bahia (Coelba), afetaria direta e indiretamente sete comunidades. Um crime ambiental e social que inundaria totalmente a história e a cultura ancestral de mais de 500 famílias. "Como moramos no nível do rio, não há altitude. Então todo o povoado e todas as casas ficariam embaixo d'água. Perderíamos tudo: casas, roças, escola, igreja, cemitério... Quem continuaria com sua casa e sua terra, teria sua vida alterada. A relação comunitária seria desarranjada e destruída", descreve a militante do MAB.

Nesse processo de construção de grandes empreendimentos, as mulheres são as mais afetadas pelo problema da violação de direitos. São elas que acabam perdendo seu espaço de produção camponesa e de autonomia, já que historicamente têm o cuidado com a casa, a criação dos animais domésticos, a produção de hortaliças e a garantia de renda. Além disso, nos processos de indenização sofrem por não serem reconhecidas como chefes de família.

E já que não há um marco legal que garanta o direito das populações atingidas, é através da capacidade da força e da articulação política que trabalhadores e trabalhadoras rurais das comunidades têm resistido e denunciado essas ofensivas. Guardiã do rio Corrente, Andreia é firme ao falar sobre o projeto da usina: "Nós não queremos barragem. Estamos no processo de mobilização há 15 anos e se depender da nossa resistência não será feita. Se não nos organizarmos a empresa vem como rolo compressor e passa por cima da gente."

Lutando por uma melhoria de vida e para defender os bens naturais e o território onde nasceu, Andreia Neiva segue com outras mulheres e homens se organizando em grupos de base, fazendo formação política e empoderando as mulheres na perspectiva de ampliar a atuação e manter acesa a consciência resistente, a fim de continuar garantindo a vida e a recreação nos rios: onde se possa mergulhar, nadar, pescar, brincar, viver e ser feliz.

Água:

Um bem comum

(1Rs 17)

Adriano Portela dos Santos[2]

a) Preparar um ambiente acolhedor – se possível espalhar cartazes ou projetar imagens sobre a situação que será abordada

b) Dar as boas-vindas

c) Invocar a luz do Espírito Santo

d) Apresentar brevemente a motivação para o encontro

e) Canto inicial

Uma explicação do texto bíblico

O cap. 17 de 1Reis marca o início da atividade do profeta Elias; ele está dividido internamente em três partes: a profecia de Elias (17,1-7), Elias e a viúva de Sarepta (17,8-16) e a ressurreição do filho da viúva (17,17-24). Já o nome do profeta marca sua missão: Elias significa "meu Deus é Iavé (o Deus hebreu)". Ele será o profeta que, no contexto do reinado de Acab (873 a.C. – 852 a.C.), sustentará a exclusividade do culto

2 Revdo. da IEAB em Feira de Santana/BA e Presidente do Comitê Inter-religioso e de Liberdades Laicas de Feira (COINTER).

a Iavé contra a inclusão do culto a deuses estrangeiros (Baal e Aserá), no reino do Norte (Israel).

Acab havia se casado com Jezabel, sacerdotisa de Baal, filha do rei de Sidon (Fenícia), e permitiu que ela introduzisse em Israel todo um aparato de culto a Baal e Aserá, com templo, sacerdotes e profetas. Obviamente, tal concessão encontrou opositores entre os profetas de Israel. Nesse contexto é que surge Elias, que não se importa de entrar em rota de colisão com o poder real de Acab e Jezabel. Enquanto o casal real, com seu casamento, promete abundância, Elias prenuncia escassez, denunciando o engano daquele projeto e as consequências nefastas do enlace real.

No início do capítulo, o profeta diz a Acab: "Juro pela vida do Senhor, Deus de Israel, a quem sirvo: nestes anos não haverá nem orvalho nem chuva, se não quando eu disser!" (1Rs 17,1). Foram cerca de três anos de seca na região. A profecia de Elias não foi por acaso: Baal era considerado o deus da prosperidade e Aserá era considerada a deusa da fertilidade. Por qual caminho desacreditar, então, a aliança de Acab com Jezabel, se não escasseando na região a água, elemento necessário à prosperidade?

A segunda parte do capítulo, referente ao encontro do profeta Elias com a viúva de Sarepta, mostra um caminho oposto ao percorrido por Acab em sua aliança com os fenícios (casamento com Jezabel). Acab busca uma prosperidade a partir da aliança entre poderosos; Elias busca uma prosperidade a partir da partilha, quando recebe das mãos da viúva o suprimento necessário para enfrentar a crise. "Pois assim fala o Senhor, Deus de Israel: 'A vasilha de farinha não acabará e a jarra de azeite não diminuirá, até ao dia em que o Senhor enviar a chuva sobre a face da terra'" (1Rs 17,14). O profeta revela que o projeto de Deus passa por uma economia solidária, onde se repartem os bens em vez de privatizá-los, como tem acontecido com a água em pequenas comunidades, por causa de atos ilegais de empresas privadas.

A terceira e última parte do capítulo diz respeito à ressurreição do filho da viúva. É uma prova de fogo para Elias. Ele anuncia a seca em decorrência da aliança do casal real, mas a viúva que o acolhe vê seu filho morrer: "O que há entre mim e ti, homem de Deus? Porventura vieste a minha casa para me lembrares os meus pecados e fazeres morrer o meu filho?" (1Rs 17,18) O profeta deve ressuscitar o morto para que tenha credibilidade sua profecia: não pode ser verdadeiro o profeta que traz a morte! O sinal justo de sua missão será o da vida que é gerada pela partilha e pela abundância de água.

Oração

(Adaptada do Livro de Oração Comum, p. 518)

Socorre, ó Senhor, teu povo fiel que pranteia nesse momento em meio a calamidades e catástrofes. Cerca-o de teus anjos e envia pessoas amigas que possam confortá-lo nos momentos de dor, agindo como mãos e braços teus no amparo de toda a gente. É o que te pedimos por Jesus Cristo. Amém!

Uma provocação a partir da vida

(o que está acontecendo hoje com a água)

Em 1 Rs 17, vimos o quanto a água é importante para a prosperidade de uma sociedade. Cabe a pergunta: qual a situação da água no Brasil? Segundo a Agência Nacional de Águas (ANA), o Brasil possui cerca de 12% da água doce disponível no planeta. Entretanto, a distribuição natural desse recurso não é equilibrada, uma vez que a região Norte concentra aproximadamente 80% da quantidade de água disponível, tendo apenas 5% da população brasileira, enquanto as regiões próximas ao Oceano Atlântico concentram menos de 3% dos recursos hídricos do país, tendo mais de 45% da população.

Além da distribuição irregular dos recursos hídricos, que acarreta o histórico problema da seca no Nordeste, nosso país sofre com um precário sistema de saneamento básico. Um estudo realizado pelo Instituto Trata Brasil aponta que apenas 50,3% da população é atendida com rede de esgoto e que somente 42,67% do esgoto coletado é tratado. Isso significa que uma quantidade enorme de esgoto é descartada nos rios, gerando poluição ambiental.

Lembremos ainda um outro tipo de poluição das águas, aquela derivada de atividades ambientais. No Brasil, temos um longo histórico de descarte inadequado dos resíduos industriais, que ocasionam a poluição do lençol freático, ademais, temos experimentado recentemente tragédias ambientais mais agressivas. O rompimento de duas barragens da Vale do Rio Doce (Mariana, 2015, e Brumadinho, 2019) provocou a morte de rios. Vem das grandes empresas também outra grande ameaça: há rios, lagos e outras fontes de água que são explorados exclusivamente visando os interesses econômicos das empresas, privando as comunidades ribeirinhas do uso das águas ao qual elas já estavam acostumadas e do qual muitas vezes dependem suas vidas. Nesse sentido, uma grande ameaça é a privatização da Eletrobrás, prevista para o início de 2020. Com a privatização da empresa, se não se privatiza a propriedade dos rios, privatiza-se, na prática, o uso destes. Mais uma vez é urgente a profecia em favor do povo.

Perguntas para reflexão

a) Temos feito alianças com pessoas, instituições e grupos? Qual a finalidade das alianças que estabelecemos?

b) Quais são as calamidades e tragédias que as pessoas estão enfrentando ao nosso redor (inclusive em relação à água)?

c) O quanto de auxílio temos oferecido às pessoas que estão enfrentando calamidades para manterem a dignidade, acessarem direitos e alimentarem a esperança?

Cântico Final

É o rio da fraternidade
(Pe. Zezinho)

Existe um rio
Um rio caudaloso
De fonte cristalina
E é lá no céu que ele começa

E eu confio
Nas águas deste rio
Porque elas são divinas
E trazem junto uma promessa

Onde ele passa leva a graça do Senhor
As águas deste rio geram paz e liberdade
E o nome deste rio
É o rio da fraternidade!

HISTÓRIA DE VIDA
As águas do rio São Francisco e a luta do povo Xakriabá

"Gigante pela própria natureza" – esta famosa expressão do hino nacional brasileiro foi ressignificada, em 2006, pela escola de samba Estação Primeira de Mangueira para homenagear o rio São Francisco. Esses versos couberam como uma luva num samba enredo de carnaval para chamar a atenção sobre um dos mais importantes recursos hídricos do Brasil e da América do Sul.

Em 2019, permanecer gigante pelo conjunto das forças do universo tem sido praticamente impossível em um modelo de desenvolvimento do sistema capitalista que se nutre da exploração das populações e do meio

ambiente. Sem falar em um contexto de extrema direita e de retrocessos de direitos, que tem exigido cada vez mais do povo lutas cotidianas para defender as riquezas naturais, seus territórios e suas vidas.

A região norte de Minas Gerais, por exemplo, abriga conflitos em torno do direito legítimo de acesso a água e às riquezas produzidas pelo rio São Francisco. Santo Caetano Barbosa, cacique Xakriabá da aldeia Morro Vermelho, sente na pele as consequências da lógica do capital. Vivendo entre os municípios de São João das Missões e Itacarambi – entre os biomas do Cerrado e da Caatinga – essa liderança indígena luta junto com seu povo pelo direito constitucional de garantir a posse definitiva das áreas identificadas às margens do rio São Francisco.

Apesar da comprovação através de estudo antropológico sobre a identificação e o levantamento fundiário das áreas reivindicadas, apenas um terço do território foi regularizado, deixando de fora as terras com mananciais de água. Os Xakriabá têm enfrentado forte resistência de posseiros, fazendeiros, políticos e empreendimentos ligados ao agronegócio: "Praticamente todas as áreas da margem do rio estão invadidas por grandes fazendas e setores do agronegócio. São os grandes exploradores das águas que causam impactos irreversíveis a partir do uso de agrotóxicos, envenenamento da água, pastagens, criação de gado, plantio de soja, milho e frutas em larga escala. Enquanto isso, a nossa população sofre com a falta de água para o abastecimento das nossas famílias, que são atingidas diretamente por essas ações predatórias", desabafa Santo Caetano.

Um povo que historicamente vive da atividade da pesca, da caça, da coleta e do plantio de pequenas roças tem sua relação cultural, espiritual e de convivência negada pelo Estado brasileiro. Reconhecedor e sabedor da profunda responsabilidade de assegurar a vida de 12.000 indígenas distribuídos em 36 aldeias, o cacique Xakriabá é enfático ao falar sobre a luta pela preservação dos recursos naturais: "Vamos continuar lutando para defender o rio São Francisco, não há como separar o rio do nosso povo e

o nosso povo do rio. A batalha pelo acesso ao direito a água e a terra é um caminho em construção e um desafio que precisamos superar."

Nesta caminhada houve muitas perdas e ameaças. Lideranças foram brutalmente assassinadas e vidas são constantemente perseguidas e ameaçadas. Vítima de emboscadas e gestos que anunciam a morte, a liderança Xakriabá descreve que, apesar da dor, a chacina que acarretou a morte dos parentes Rosalino Gomes de Oliveira, Manoel Fiúza e José Pereira inspira a resistência de seu povo: "Todos os anos relembramos esse episódio. Um marco para renovarmos o compromisso com nossos antepassados e mártires, fazer memória aos nossos guerreiros e guerreiras que deram suas vidas para que pudéssemos continuar existindo."

A força da cultura indígena, a resistência e a relação histórica e secular com o rio São Francisco têm trazido conquistas políticas, empoderado grupos de mulheres e articulado jovens do povo Xakriabá. Enquanto liderança, Santo Caetano Barbosa representa o seu povo e defende as causas a favor da resistência e da luta contra os que ameaçam o território, o rio e a vida. Desafiado a continuar atuando em tempos conservadores e de retrocesso, o cacique afirma: "A luta pelo acesso a água é, acima de tudo, uma condição de sobrevivência de nosso povo. É uma escolha que precisamos fazer: Morremos lutando ou morremos de sede".

Diante dessa complexa conjuntura, é preciso afirmar que os recursos naturais devem estar sob os cuidados e o controle popular em seus territórios. Só assim o "Gigante" terá forças para despertar.

Água como fonte de transformação

(Êx. 15.22-27)

Shirley Batista dos Santos Proença[3]

1. Abertura

a) Preparar um ambiente acolhedor

b) Dar as boas-vindas

c) Invocar a luz do Espírito Santo

d) Apresentar brevemente a motivação para o encontro

e) Canto inicial.

2. Introdução

A água é fundamental para a vida e sem ela a morte se anuncia. "No Brasil, 20% da população brasileira não tem acesso à água potável, 40% da água das torneiras não tem confiabilidade, 50% das casas não têm coleta de esgoto e 80% do esgoto coletado é lançado diretamente nos rios sem qualquer tipo de tratamento". (SCHOENLEIN-CRUSIUS; ALMEIDA, 2018, p. 158). Quando apenas uma parcela da população mundial tem acesso

3 Pastora da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil. Professora da Faculdade de teologia de São paulo da IPI do Brasil.

à água potável, quando a poluição, o desperdício e o interesse comercial dilapidam um componente essencial para a existência planetária, não há dúvida de que estamos diante de águas que amargam e usurpam o direito à vida de toda criação de Deus.

Muito se tem falado a respeito de sustentabilidade, do cuidado com a natureza, de ações que podem colaborar para que a proteção à vida seja um esforço conjunto de toda a humanidade. Há de se enfatizar que esforços individuais e coletivos, pessoais e institucionais são urgentes para que a água potável esteja ao alcance de todos os seres humanos.

3. Uma explicação das águas amargas

O povo de Deus foi liberto da escravidão egípcia e após atravessar o mar Vermelho começou a caminhar pelo deserto rumo à terra de Canaã. A primeira dificuldade encontrada foi a ausência de água potável. Como continuar a jornada sem água, elemento essencial para a sobrevivência? A apreensão, o medo, a falta de alternativas para solucionar a necessidade imediata foram elementos que levaram o povo à murmuração. Encontrar, no deserto, poços com águas impróprias para o consumo poderia ser o anúncio da morte e a libertação já não teria sentido. O que o povo precisava no momento de desespero? Ouvir e se comprometer com os ensinamentos do Deus que liberta, que sara e que restaura a esperança diante do anúncio da morte.

O povo recorreu à liderança de Moisés para que o problema fosse resolvido. Ouvir o clamor das pessoas necessitadas, enxergar situações que provocam desânimo, angústia e ameaçam a vida são atitudes necessárias para que os obstáculos sejam superados. Na dificuldade encontrada, as pessoas não ficaram desamparadas, pois estavam com um líder que as ouviu, que reconheceu a gravidade da situação e que agiu, com sabedoria, para solucionar o problema. A atitude de Moisés beneficiou todo o povo.

Moisés clamou a Deus e agiu. Uma madeira foi lançada para neutralizar os elementos químicos que tornavam a água insalubre e ela se tornou própria para salvar o povo sedento. As águas amargas transformadas em águas doces representavam um marco entre o tempo de escravidão e o tempo da libertação. O Deus que tirou o povo da escravidão, acompanhou-o em toda travessia pelo deserto. Os obstáculos foram vencidos até se alcançar a terra onde todo povo poderia viver e cultuar o Deus libertador.

4. Uma provocação a partir da vida

Há grande divulgação mundial a respeito do uso consciente da água potável do planeta. Há também estatísticas que demonstram que a poluição, o desmatamento, a falta de saneamento básico, o desperdício, a falta de políticas públicas, entre outras ações humanas, têm diminuído consideravelmente as reservas naturais de água própria para o consumo.

No nosso dia a dia, as águas amargas brotam dos poços da corrupção, do desrespeito aos direitos fundamentais para a existência humana, do poder que escraviza e oprime, dentre outros. Não podemos nos calar ou nos tornarmos indiferentes. Deus nos chama para agirmos para que as águas doces da equidade, da justiça e do amor façam parte da nossa jornada.

Desde a Antiguidade a água tem sido motivo de disputa. O uso consciente desse recurso está diretamente relacionado à saúde e à sobrevivência humana. Pelo menos de duas maneiras podemos colaborar para que essa riqueza natural seja preservada e melhor distribuída. Em primeiro lugar, cuidar para que a água seja utilizada sem desperdício e, quando possível, compartilhada com as pessoas que não têm acesso a ela. Em segundo lugar, mobilizar-se como líderes nas comunidades, nas igrejas, nas associações de bairro, nas rodas de conversa, e conscientizar as pessoas da necessidade de se cobrar dos poderes públicos que sejam implementadas políticas que tornem possível a distribuição sustentável da água para toda e qualquer pessoa. A água é bênção de Deus para a vida do planeta.

5. Uma conversa sobre a realidade iluminada pela Palavra

a) Quais ações são necessárias para que o uso consciente da água seja realidade em nossa casa, em nossa comunidade?

b) O que podemos identificar como águas amargas na sociedade e como elas podem afetar a conscientização da população quanto ao uso desse precioso recurso natural?

c) Quais ações objetivas podemos ter para que políticas públicas sejam implementadas para a preservação e a distribuição equitativa da água potável?

6. Oração final

Animador/a: Ó Deus Pai e Mãe de todos e todas, confessamos que não temos cuidado da tua criação de forma adequada e te pedimos que nos perdoes e nos capacites para termos atitudes de cuidado para preservar toda a natureza criada por ti. Que sejamos homens e mulheres que contribuam para que as águas amargas do nosso tempo se transformem em água doce e alcancem todo ser humano em todo e qualquer lugar e a vida da tua criação seja preservada. Amém!

Pai Nosso Ecumênico, de mãos dadas.
Abraços de paz e compromisso.

Referência

SCHOENLEIN-CRUSIUS, Iracema Helena; ALMEIDA, Maria Aparecida de Andrade. Água Potável e Saneamento. In: BARRO, Jorge Henrique et al.(orgs.) *Porque Deus amou o mundo:* igreja & ODS**.** Londrina: Descoberta, 2018.

A VIDA MARGEIA OS RIOS
histórias de resistência

O corpo já não tinha o mesmo vigor de outrora, de quando pescava no rio Murucupi e tirava oito latas de açaí por dia, mas a mente permanecia incansável. Quando jovem, seu Antônio ajudara a fazer a resistência à primeira leva de desapropriados de Barcarena, quando a ALBRAS [produtora de alumínio primário] veio se implantar na região, em 1978, para produzir alumínio. "Na época, foi a Companhia Vale do Rio Doce que trouxe pra cá", ele conta. "Depois os japoneses resolveram ficar com tudo e o governo vendeu a parte dele". Hoje, ele olha para a igreja de São João Batista na vila do Conde e, nos seus olhos, a maresia das memórias desponta, penso que vai chorar, mas conclui dizendo: "Agora é continuar lutando. Já teve gente que morreu aqui, mas a gente não pode parar!"

Dona Mundica descasca camarão enquanto conta a história do rio, sentada na cabeceira da ponte e reparando os netos, que sobem na popa do rabudo para dar saltos mortais e depois sumir dentro da água. "Tá vendo só? A gente não consegue nem vê os meninos dentro da água de tão branca que tá!" Ela conta que, antigamente, era só descer de casa e puxar a malhadeira que vinha o peixe; era só tirar o matapi que ia ter camarão; mas o rio Dendê estava morto. Tornou-se água sem vida, contaminou o pescado e a plantação de açaí. Água que ninguém toma e só quem entra são as crianças. "Esses meninos vivem cheio de coceira, mas fazer o quê, né? A gente até tenta, mas já viu. Tem um cano da Imerys [multinacional francesa especializada na produção e processamento de minerais industriais] bem ali que joga toda a sujeira no rio... A luta é grande; só Deus mesmo".

"Tá aqui ó, é tudo isso que eu tenho que tomar todo o santo dia!" Dona Maria das Graças esvazia no chão uma sacola cheia de caixas de remédio. "E tem mais um monte lá em casa. Tem pro coração, pra diabetes, pressão, isso aqui é tudo pra essas alergias na pele... até pros nervos eu tomo, porque como não ficar depressiva assim?" Como não ficar? Bom

Futuro foi o nome que os moradores deram para a ocupação no lixão da cidade às margens do rio São Francisco quando, desapropriados para dar lugar às empresas no complexo industrial, migraram em busca de terra, trabalho, moradia, esperança... de um futuro. Mas quando chove muito, a água vira lama vermelha e escorre da bacia da Hydro [principal acionista da ALBRAS], que fica duzentos metros acima da comunidade. Dona Maria e os vizinhos, acometidos por uma infinidade de doenças, tiram de onde não têm para comprar os remédios, tiram do lixo, das mãos e dos pés feridos. "A Hydro podia pelo menos pagar o nosso remédio, porque é por causa dela que a gente tá assim. Temos o nosso direito e isso não tá certo!"

Caía uma chuva fina à beira do rio Pará; na praia, um único vendedor de picolé arrastava o carrinho e, atrás dele, formavam-se os trilhos na areia. Pensei nos trilhos que se aproximavam de Barcarena, da ferrovia que vai trazer mais boi, soja e minério. Seu Sabá viu que eu olhava para o porto e apontou: "Foi bem ali que o navio afundou. Cinco mil bois tudo pro fundo. Ainda teve uns que conseguiram chegar na praia e o povo comeu; depois a gente soube que fazia mal". Um navio acabara de chegar e esperava a lavagem; outro saía para a China ou a Europa, quem sabe. "Eles levam pra fora as nossas riquezas e deixam só a sujeira aqui. Vai chegar um dia que a gente não vai mais aceitar isso; vamo fechar esse porto, aí vão ter que nos respeitar!"

* *As histórias são fruto de relatos de atingidos da região de Barcarena-Pa. Os nomes foram alterados para preservar a identidade das pessoas.*

Água, Bênção e Renovação

(Gn 1.6-10; 7.17-24)

Renato Küntzer[4]

a) Preparar um ambiente acolhedor – se possível espalhar cartazes ou projetar imagens sobre a situação que será abordada

b) Dar as boas-vindas

c) Invocar a luz do Espírito Santo

d) Apresentar brevemente a motivação para o encontro

e) Canto inicial.

Introdução

Há tempos o cristianismo tem afirmado que a água é presente da criação de Deus à humanidade. Disso deveria resultar uma relação de cuidado e de amor com a terra e com as águas. Testemunhamos que a vida nasceu a partir das águas e essa experiência é testemunhada pelos textos bíblicos: Deus se serve das águas do Mar Vermelho para libertar seu povo da escravidão do Egito; ele sacia a sede do povo no deserto; Jesus foi batizado nas águas do rio Jordão; ele também afirmou ser a fonte da água

4 Pastor da IECLB em Boa Vista do Buricá/RS – Integra a Direção Institucional da CESE.

vida. Como manifestação do Espirito Santo somos lavados pelas águas no sacramento do batismo. A água tem um significado espiritual e uma ligação indiscutível com a vida.

Uma análise do texto bíblico

O texto da criação de Gn 1 é fruto do inconformismo e resistência a uma realidade de escuridão, caos e deserto. Deus cria para trazer luz, ordem e vida. O ato criador de Deus supera primeiro as trevas criando a luz. Em seguida, vence o caos do mar profundo, separando as águas. Isto permitiu que a terra pudesse encher-se de vida. É a partir do caos que Deus faz surgir a criação. A ordem criada por Deus torna possível que a terra produza seus frutos e que o ser humano viva. A desordem e o caos são superados pela ação divina.

Ao colocar em ordem o caos, Deus define que nossa casa comum é obra divina e determina que as normas dessa casa não podem ser confiadas aos desejos e prazeres dos projetos de morte. Deus estabelece uma forma de estar no mundo e de organizar a vida no mundo que privilegia a vida. Não somente a água, mas toda a criação de Deus participa de um projeto de vida que não se reduz à utilidade econômica e de geração de riquezas.

O ser humano foi criado como um ser com quem Deus se relaciona e dialoga. O ser humano deve ser imagem e semelhança de Deus: mulher e homem são chamados à vida. O ser humano é chamado a trabalhar para que triunfe a luz, para realizar, construir e procriar, dando continuidade à obra de Deus.

Uma provocação a partir da vida

As afirmações de fé de nosso texto ganham atualidade quando confrontadas com uma experiência local da região noroeste do Rio Grande do Sul e que envolve o Rio Uruguai, onde há um projeto de construção

de duas barragens internacionais, Garabi e Panambi. A construção de barragens está cercada de um mito religioso e de fidelidade a um ídolo: o desenvolvimento com base na reprodução do dinheiro. Fato é que as barragens ao longo do Rio Uruguai, entre os Estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, resultaram no reestabelecimento do caos.

As barragens reinstalam o caos social. Em todo processo de construção de hidrelétricas, de desapropriação e reassentamentos constata-se uma luta desigual que privilegia interesses públicos e privados, exigindo dos atingidos todo o ônus decorrente desse empreendimento. O modelo energético brasileiro exige sacrifícios. O discurso predominante do desenvolvimento entende que todo e qualquer direito dos ameaçados é algo meramente particular e, por isso, deve ser sacrificado ao interesse público. Em 2010, entramos em conflito com esse modelo de desenvolvimento que regula a produção energética e que visa prioritariamente o crescimento econômico e a concentração de renda. No confronto com o Consórcio de empresas e setores públicos, as famílias ameaçadas cresceram na formação e organização popular, com claro protagonismo das mulheres, e articularam uma denúncia marcante contra o mercado que exige sacrifícios ambientais e humanos.

As barragens reinstalam um caos ambiental. As licenças ambientais continuam sendo emitidas por decisão política e sem nenhum embasamento técnico que respeita os marcos legais da área ambiental. A ordem é atender as demandas econômicas imediatas. Os critérios técnicos tornam-se letra morta e o órgão ambiental transforma-se em um setor de mera chancela e de obediência aos interesses políticos e econômicos. Consagra-se a visão de que os rios e a natureza como um todo são apenas mercadoria. A chamada flexibilização do licenciamento ambiental nada mais é que a anulação da lei atual, revelando-se como uma ação oportunista e imoral.

As barragens provocam o caos econômico. Quando começa o processo de construção de uma hidrelétrica, “dois mundos entram em

choque", pois são empreendimentos de capital alheios e estranhos às comunidades atingidas. Comunidades tradicionais são destituídas de seus meios de vida, que vinham assegurando a manutenção e a reprodução de seus modos de vida: a terra, o patrimônio, a comunidade, a memória coletiva e o uso compartilhado de recursos. A partir da ótica de mercado, o Estado e os empreendedores públicos e privados veem o território como mercadoria.

Fazem parte da implantação do projeto caótico e mortal a manipulação das informações, a distorção da opinião pública e uma promessa vaga de que ninguém vai sair perdendo, de que não vai haver prejuízo significativo ao meio ambiente e que toda manifestação contrária é discurso de extremistas que são contra o desenvolvimento. As pessoas são apenas empecilhos a serem removidos, e o estudo de impacto sobre o meio ambiente é apenas um detalhe a ser fraudado. O projeto de implantação do caos exige o sacrifício ambiental e humano.

Para refletir

Que outras situações concretas de projetos de restabelecimento do caos se manifestam em nossa sociedade e que exigem nossa reação? Quais são as formas de reação e de resistência que precisamos criar a partir de nossa espiritualidade e confissão de fé?

O compromisso que brota do projeto de vida estabelecido por Deus na criação, onde a água é sinônimo de bênção e renovação da vida, exige que lutemos para que o rio Uruguai e seus afluentes continuem a correr livremente a fim de podermos usufruir de suas bênçãos. Queremos que os agricultores familiares e as comunidades tradicionais permaneçam em suas propriedades e territórios. Queremos que permaneçam intocáveis os recursos naturais, a flora e a fauna, pois constituem um pequeno paraíso que ainda se mantém e pode servir como oportunidade de lazer com acesso livre e democrático.

Canto Final

Água

(Pa. Louraini Christmann – Lola)

Bendita água que temos
Bendita água que somos

Somos água
Somos à imagem de Deus
Então Deus é água
E somos água

E temos água
No céu
No ar
No rio
No mar

Na caixa
No cano
Na torneira
No tanque

Límpida água
Limpa
(...e água
entende de limpeza
de lavar
de purificar…)

Água na pia
No lavar matinal
Água na pia
No lavar batismal

Bendita água que temos
MALDITA GENTE QUE SOMOS
Porque água saudável
Água "tomável"
Água potável
Está acabando por aqui
Até mesmo no nosso
Aquífero Guarani.

MARIANA:
quantas lágrimas disfarçamos sem berro?

"Foi uma coisa muito triste no dia do rompimento, nós não estávamos esperando que isso acontecesse. Escutamos pela televisão o que tinha acontecido lá em Mariana [Minas Gerais], que ia descer pela foz do rio Doce, mas ninguém imaginava que esse mar de lama fosse mesmo chegar. Só fui sentir que fomos atingidos quando os meus três botes, minhas redes e materiais de pesca, que eram meu sustento, afundaram com a lama.

Percebemos logo o impacto quando a gente começou a ver os peixes boiando, subindo por cima das águas. Ficamos muito chocados porque nós, como moradores, tivemos que tirar do rio os peixes podres, fedendo. E aquilo ali me deu uma tristeza muito grande... Até hoje eu lembro e começo a chorar, de ver aqueles peixes que nos alimentavam, que nos sustentavam, todos mortos.

Meu rio não volta mais. Minha comunidade não é mais a mesma. Não podemos mais beber da água, não podemos mais comer do peixe, nem vender para o sustento de nossas famílias: um estado triste, decadente. Na minha comunidade tem gente doente, acamada, gente que era ativa, que gostava de ir para o rio pescar.

Eu tinha a minha vida no rio, era pescadora, não sabia fazer outra coisa a não ser pescar. A minha vida hoje é sem graça, sem sentido. Hoje eu me considero do lar, já não posso mais ir ao rio pescar porque os peixes estão contaminados, doentes. Na minha casa moram comigo meu esposo, minha filha Sofia (de sete anos) e meu filho mais velho, Natanael, de 18 anos. Hoje estamos sem ganho nenhum.

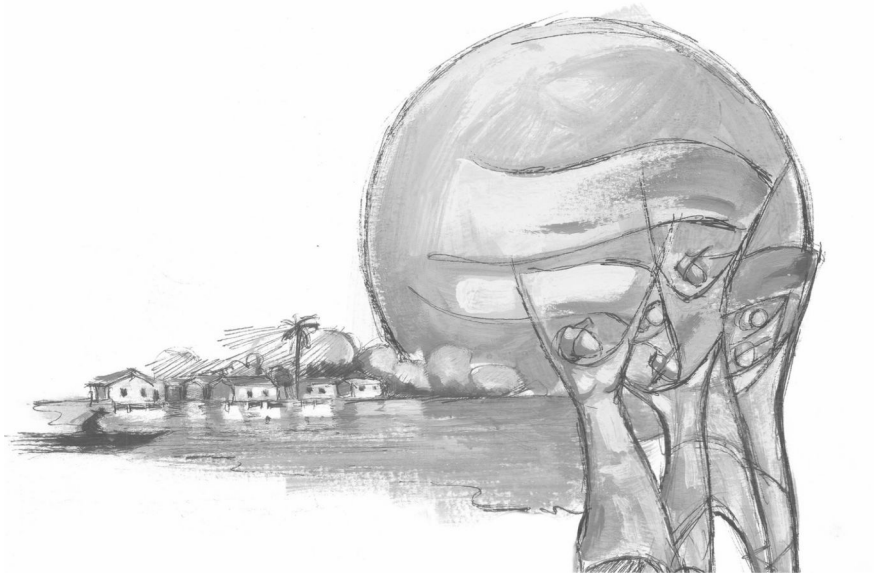
Nem a Renova [entidade responsável pela mobilização para a reparação dos danos causados pelo rompimento da barragem de Fundão, em Mariana – MG], a Samarco, ou a BHP Billiton [responsáveis pelo crime-tragédia] reconheceram as pessoas de fato como pescadores\as. A Renova não me pagou, não tive a indenização dos meus bens que ficaram embaixo da lama. Hoje a nossa vida ficou sem sentido, a alegria da gente aqui foi embora.

O meu esposo pega o cartão emergencial, esse cartão tem que dar para a gente comer e sobreviver. Mas antes disso eu já sobrevivia, eu já tinha vida no rio. Eu tinha meu pescado, minha renda, os meus filhos tinham lazer, hoje não têm mais nada.

A única coisa que nos fortalece são os movimentos que a gente faz com o MAB. O Movimento dos Atingidos por Barragens veio para nos dar força, animar e mostrar que nem tudo está perdido. Nós estamos nos organizando como comunidade para lutar contra esse dragão de lama chamado Renova. Diante dela nós somos pequenos, mas estamos aprendendo a lutar. Isso tudo que aconteceu na nossa vida nos despertou. Hoje, além de sofredores, nós somos lutadores."

Sou Patrícia Ambrósio, mulher lutadora de 46 anos, pescadora e ribeirinha de Pedra Corrida, município de Periquito (MG), médio Rio Doce, e sou uma sobrevivente.

No dia 5 de novembro de 2015, ocorreu o rompimento da barragem de Fundão, da Samarco (a Vale e a BHP Billington são as mineradoras controladoras da Samarco). Foram retiradas 11 toneladas de peixes mortos do rio Doce um mês após o crime-tragédia, que deixou 19 mortos e é considerado o maior desastre ambiental do Brasil.



Água fonte de saúde

Neusa Maria Gomes da Silva[5]

"Quem der ainda que seja apenas um copo de água fria a um desses pequeninos, por ser meu discípulo, eu garanto a vocês: não perderá a sua recompensa."
(Mt 10.42)

a) Preparar um ambiente acolhedor – se possível espalhar cartazes ou projetar imagens sobre a situação que será abordada
b) Dar as boas-vindas
c) Invocar a luz do Espírito Santo
d) Apresentar brevemente a motivação para o encontro
e) Canto inicial

Introdução

"A comunidade cristã, lendo Mateus, é convidada a olhar para dentro de si mesma, a fim de descobrir a presença de Jesus, que ensina a prática da justiça. Desse modo, a comunidade aprenderá a dizer a palavra certa e

5 Reverenda da Igreja Presbiteriana Unida (IPU) – Rio de Janeiro.

a realizar a ação oportuna, no tempo e lugar em que está vivendo." (Bíblia Pastoral)

O Reino de Deus é feito de gestos de amor, solidariedade e justiça. Jesus sempre esteve atento ao clamor e às necessidades do povo de sua época e também nos dias de hoje. Precisamos ser sensíveis ao clamor de nosso povo com relação à água, pois ela é fundamental para a subsistência e vida saudável do ser humano.

Uma explicação do texto bíblico

Os primeiros discípulos não tinham lugar fixo, iam de casa em casa, de aldeia em aldeia para anunciar a vinda do reino de justiça e paz com palavras, ações, e seguindo os ensinamentos de Jesus para libertar o homem e a mulher de todo tipo de opressão. Eles eram pessoas malvistas e perseguidas pela sociedade de sua época.

A região de Israel era seca e quente, e era uma atitude hospitaleira quando um judeu dava um copo de água fria em vez de quente. As pessoas consideradas importantes recebiam água fria para saciar sua sede.

É pela atitude de acolhimento e solidariedade com o outro e a outra que receberemos o galardão, pois esta é a recompensa prometida por Jesus: "E quem der a beber, ainda que seja um copo de água fria, a um destes pequeninos, por ser este meu discípulo, em verdade vos digo que de modo algum perderá o seu galardão" (Mt 10.42). Nada mais gratificante do que oferecer um copo de água fria a quem está cansado e sedento.

As nossas ações precisam ser sempre fruto da nossa fé em Jesus Cristo, que nos ensinou como servir através de diversos dons. "Acolhimento é a palavra-chave para a nova família e comunidade de Jesus, baseada nos valores da solidariedade, da paz, do cuidado e da justiça. Solidarizar-se com as pessoas que assumem atitudes proféticas, justas e assumem a posição de pequenos é o mandato de Jesus" (Claudete Ulrich).

Uma provocação a partir da vida

A água é fundamental para o ser humano. Ela constitui a matriz da própria vida, se faz presente na origem da nossa existência. Somos setenta por cento água. A vida humana não é possível sem ela. Começamos a perceber e a nos conscientizar da importância desse bem precioso quando, nas últimas décadas, constatou-se a sua finitude. Mesmo assim, o desperdício ainda é muito grande e a sua distribuição não é igualitária.

Em todo o mundo, 80% da água usada é devolvida ao meio ambiente sem tratamento. Cerca de 90% dos piores desastres naturais humanitários nos últimos 25 anos estiveram relacionados com a água, como cheias e secas.

Soma-se a isto que, em muitos lugares do mundo, no Brasil inclusive, a água, um bem comum básico e natural, é privatizada e comercializada.

No Brasil, os casos de Mariana e Brumadinho são os mais fortes exemplos que demandam luta e compromisso por parte da Igreja de Jesus Cristo. Na maioria das vezes, a Igreja é uma expectadora silenciosa. E o governo não tem respondido estas questões de forma eficiente. Ele fica ao lado das grandes corporações responsáveis por esses crimes em vez de promover leis, políticas e ações, para que tais atos não ficassem impunes, mas fossem considerados crimes contra a humanidade.

Precisamos retomar "a proposta do Conselho Mundial de Igrejas, onde está alocada a Rede Ecumênica da Água, em documento aprovado pela Assembleia Geral do órgão em 2006, [de] que as Igrejas coloquem o tema em pauta, que se posicionem ao lado de quem tem sido excluído do acesso à água e que defendam o acesso como direito humano, demandando transparência e justiça nos processos que envolvem a privatização da vida".

"Durante o 8º Fórum Mundial da Água, realizado no Brasil em 2018, grupos religiosos reuniram-se no Fórum Alternativo Mundial da Água, incluindo a Rede Ecumênica da Água, e levantaram suas vozes para

reforçar a dimensão espiritual da água, e a afirmação da água como um bem comum, que não pode ser privatizado e deve ser colocado à disposição de todos os seres viventes". (Revista *Carta Capital on line*, março de 2019).

Para refletir

a) A Organização Mundial de Saúde (OMS) define saúde como "um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não somente ausência de afecções e enfermidades"! Será que temos tido esse entendimento a respeito da vida das pessoas menos favorecidas à nossa volta?

b) O que podemos fazer contra a comercialização da água, que resulta em contaminação e redução do abastecimento, e pela implementação do direito humano à água e ao saneamento para todos, sem exceção?

c) Você percebe que é urgente que sua comunidade de fé reafirme o inestimável valor da água e promova atitudes individuais e coletivas de cuidado e preservação desta que é a fonte de toda vida?

"O que a vida quer da gente é coragem!" (Guimarães Rosa)

Oração

Senhor, Deus da vida, perdoa-nos por todas as vezes em que, em nosso caminhar e no caminhar da nossa comunidade de fé, deixamos de acolher e ser solidárias/os com os "pequeninos do teu reino". Deixamos de nos envolver na luta contra as grandes corporações que privatizam a água. Senhor! Tu criaste os rios, as fontes e todos os veios de água, para que de forma igualitária pudéssemos usufruir desse bem comum. Ajuda-nos a acolher teus filhos e tuas filhas que sofrem e morrem pela falta deste bem tão precioso. Em nome de Jesus, que está conosco em nossas lutas diárias! Amém!

ÁGUA TÓXICA, LUTO E LUTA

Era 25 de janeiro de 2019, 12h28min, horário do almoço, quando a barragem córrego do Feijão, em Brumadinho (MG), se rompeu. Trabalhadores/as, mães, pais, filhos/as, animais, florestas e casas foram soterrados por 12 milhões de metros cúbicos de lama tóxica, vítimas do maior crime socioambiental e humano do país, protagonizado mais uma vez pela Vale, a maior mineradora do Brasil. Foram 272 mortes confirmadas, 24 pessoas desaparecidas e cerca 600 desabrigados/as.

O crime – tragédia deixou marcas de destruição e rastros de sofrimento nas comunidades vizinhas ao córrego do Feijão e ao rio Paraopeba. Sem água potável, a população de Cachoeira do Choro, povoado que pertence ao município de Curvelo, vive diretamente as consequências do modelo de mineração predatório adotado pela VALE. A relação harmoniosa e equilibrada entre meio ambiente e ribeirinhos/as deixa existir. Os danos são incalculáveis e colocam em risco a sobrevivência e a saúde das pessoas que residem nesta comunidade.

"Era um local bastante visitado, com muitos peixes e cachoeira", relembra Eliana Marques, que antes dos rejeitos de lama chegarem ao rio Paraopeba vendia seu pescado para turistas. Hoje, afetada pela falta de abastecimento de água tratada, restaram para a região águas turvas e contaminadas. "Boa parte das famílias viviam e dependiam do rio. A contaminação matou os peixes e espantou a visitação turística. Com isso, muitas pessoas foram embora em busca de emprego e melhores condições de vida", explica a pescadora que mora na comunidade há 13 anos.

A água que sai das torneiras é malcheirosa e apresenta uma coloração estranha: "Uma borra preta, com odor e totalmente imprópria para consumo. Isso quando não ficamos dias sem o abastecimento", explica Eliana. Segundo ela, através de uma visita técnica, a VALE se eximiu da responsabilidade pela péssima condição da água e afirmou que a obrigação pela distribuição do recurso hídrico a partir do poço artesiano na Cachoeira

do Choro é exclusivamente da Copasa – Companhia de Saneamento de Minas Gerais. Esta, por vez, nega a presença de materiais pesados.

Em nota divulgada no mês de março ao *Brasil Fato*, a Copasa informou que a água direcionada para a região está dentro dos critérios estabelecidos pelo Ministério da Saúde, e que a captação do rio Paraopeba está suspensa desde o dia do rompimento da barragem do córrego do Feijão. Mas segundo a pescadora, a empresa não disponibiliza suas análises para a população: "A empresa informa que a água está boa, mas água potável é transparente e não tem mau cheiro. A Copasa só dá acesso aos resultados de coliformes fecais, não dos metais tóxicos provenientes da lama.".

Outro impacto causado pela alteração do estado da água foi a eliminação de produções rurais orgânicas das pequenas propriedades. A contaminação do lençol freático e dos poços artesianos impediu a continuidade das plantações nos quintais, bem como a criação de animais para a subsistência das famílias. Eliana Marques relata que, além da pesca, sua família utilizava o terreno para plantar feijão, raízes e frutas: "Infelizmente não tive como manter o quintal. Sem água limpa não dá para plantar, colher e comer. Tive que me desfazer dos animais para não vê-los morrer aqui".

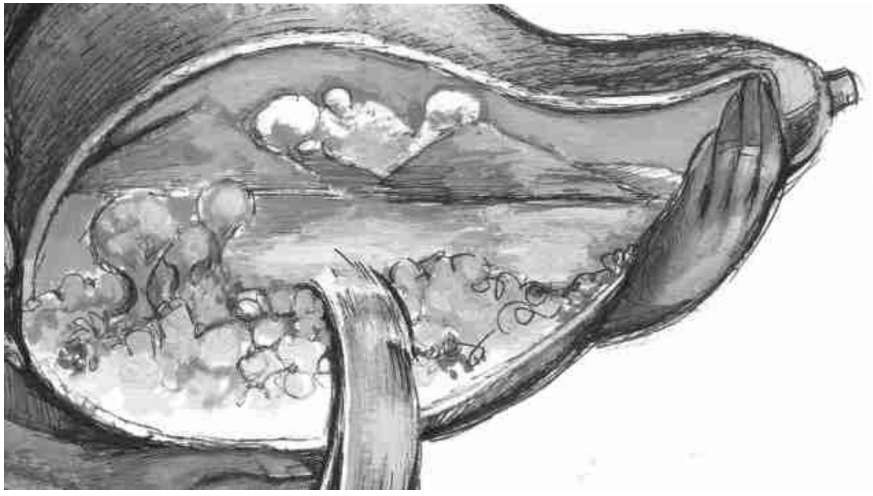
Além do sofrimento mental pela contaminação e falta de água, os/as moradores/as têm apresentado sintomas de doença como diarreia, vômitos, febre, manchas na pele e coceira no corpo. Eliana Marques sente literalmente na pele o que acredita ser a consequência do contato com a água: "Meu braço está manchado e ainda tenho dores locais. O cachorro da minha vizinha morreu, nunca apresentou outra doença, mas após o contato com o rio ficou doente e não resistiu".

Outro agravante é a inexistência de um posto de saúde em Cachoeira do Choro. Segundo a pescadora, os/as moradores/as recorrem ao atendimento médico em cidades vizinhas. "As pessoas se deslocam com muita dificuldade para municípios vizinhos e não têm como comprovar onde

residem, o que acaba dificultando a identificação de que a doença é oriunda do rio Paraopeba."

Sentindo a dor, a revolta e a insegurança que o crime da VALE causou na sua vida e na da comunidade, Eliana uniu-se a outras pessoas atingidas para formar comissões para lutar por reparação, direitos e justiça. A cachoeirense integra a Comissão dos Atingidos da Cachoeira do Choro – Curvelo (MG), que atualmente tem pautado fortemente a questão do acesso a água de qualidade e a questão da saúde dos/as moradores/as.

Em Brumadinho, a ganância e a negligência estiveram acima da vida, do meio ambiente, da saúde e do trabalho seguro. No povoado de Curvelo, a resistência estará por cima do luto e da angústia de quem perdeu tudo. Mãe de três filhos e um neto, Eliana continuará lutando pelo direito de viver: "Apesar da indignação e da tristeza, não sossegarei enquanto não tivermos água de qualidade. Me tiraram o rio, mas me deixaram a vida para continuar lutando."



Água:

Fonte de vida

Camila Mantovani[6]
Helivete Ribeiro[7]

a) Preparar um ambiente acolhedor – se possível espalhar cartazes ou projetar imagens sobre a situação que será abordada

b) Dar as boas-vindas

c) Invocar a luz do Espírito Santo

d) Apresentar brevemente a motivação para o encontro

e) Canto inicial

Introdução

A água como um bem social, econômico e ambiental é um direito de todo ser humano. Sua escassez e privação são experimentadas de maneira extremante dramática por mulheres e homens que vivem na pobreza e, com muita frequência, nos países mais pobres.

O acesso à água potável e ao saneamento é indispensável para a vida e para o desenvolvimento das comunidades espalhadas pelo mundo.

6 Membra da Aliança de Batistas do Brasil e da Igreja Batista do Caminho.

7 Pastora da ABBB – Integra a Direção Institucional da CESE e a Coordenação estadual do CEBI-Pernambuco

Como elemento essencial para a vida dos seres humanos, embora não seja valorizada como tal, a água é, muitas vezes, desperdiçada. No entanto, sob o ponto de vista moral, o ato de esbanjar água é insustentável.

Uma explicação do texto bíblico

> *"E Jacó não tinha sede, quando o levava pelos desertos; fez-lhe correr água da rocha; fendendo ele as rochas, as águas manavam delas."* (Isaías 48,2)

No livro de Isaías é apresentada a salvação de Deus para o ser humano. Esse ato revela a profecia da salvação em Jesus, a rocha ferida, fendida no Calvário para que, do seu interior, brotassem águas para saciar a sede da nossa alma. Sede de paz, de alegria e de vida. Na Bíblia, a água tem o significado da presença de Deus. Assim como a água tem a função de saciar a sede, lavar o que está sujo, refrigerar o que está quente e trazer vida onde existe morte, também as águas da presença de Deus saciam nossa sede espiritual, refrigeram a nossa alma e trazem vida ao nosso coração morto. A aparência de uma terra seca é deprimente, uma vez que nos transmite uma mensagem de sequidão total, morte, sofrimento, vazio e ausência de vida.

O aquecimento global e toda a questão do meio ambiente, os próprios desastres ecológicos vivenciados tragicamente ou divulgados de maneira sensacionalista pela mídia estão levando a população a perceber que é hora de mudar. Porém, uma nova postura ecológica diante da vida ameaçada ainda não é muito perceptível. Fontes, riachos, rios e mares continuam sendo contaminados pelos esgotos, pela sujeira produzida pelo consumismo insaciável e inconsequente. Como agentes do Reino, cabe a nós desenvolver em nós uma postura de percepção e sensibilidade para que possamos captar as tendências e, atentas e atentos aos gritos da terra, agir de maneira criativa e solidária em prol da defesa da vida do planeta.

Seguindo nossa reflexão na perspectiva profética vamos acompanhar o que nos diz o profeta Jeremias:

"Porque dois males que meu povo tem feito: eles me abandonaram, fonte de águas vivas, e cavaram para si mesmos cisternas, cisternas rachadas que não retêm água." (Jeremias 2,13)

A água é um dos elementos mais importantes na fé cristã. Não poderia ser diferente. Já que a água garante a nossa vida de maneira concreta, que outro símbolo poderia ser tão potente para expressar Deus como garantidor da vida? Infelizmente, com o passar dos anos, nos temos distanciado do entendimento de que Deus se manifesta em toda a sua criação. Gastamos tanto tempo buscando Deus nos lugares celestiais que não percebemos sua doce e maravilhosa presença manifesta na concretude do chão que pisamos, dos animais que acariciamos e da água que bebemos. E esse distanciamento que temos provocado entre Deus e sua criação tem gerado argumentos que justificam toda a exploração e destruição da natureza.

Quando pensamos que nosso Deus é parte de tudo que há e que seu sopro, que nos garantiu vida, também garante a vida de toda a natureza, não conseguimos nos manter alheios à degradação que o sistema impõe. As guerras provocadas pela falta de água já não são uma previsão distante, mas uma realidade para muitas pessoas no mundo. As crises hídricas provocadas pelo monopólio da água que detêm as grandes indústrias e mineradoras já têm afetado a milhões de brasileiros de diferentes Estados.

O desafio da igreja hoje no Brasil é não cair na armadilha do discurso do progresso e desenvolvimento. São essas duas palavrinhas que mais têm sido utilizadas para manipular a opinião pública e garantir que as cidadãs e os cidadãos brasileiros se mantenham longe de todo o debate sobre justiça socioambiental. Em nome do progresso contaminam-se os rios, em nome do desenvolvimento privatiza-se a água. Esse sistema que rege todo o mundo hoje é uma máquina de moer a vida, e nossas comunidades têm o desafio de ser a voz profética que denuncia o pecado do lucro que se sobrepõe à criação de Deus.

Todas as vezes que deixamos esse conceito de progresso e desenvolvimento tomar espaço nas nossas mentes como justificativa plausível para a degradação ambiental, estamos cavando cisternas rachadas incapazes de reter água. Quando vemos as crises hídricas geradas pelo capitalismo e agimos como se o problema não fosse nosso, estamos cavando cisternas rachadas que não são capazes de reter água. Quando nos calamos como igreja, estamos cavando cisternas rachadas incapazes de reter água.

A água como fonte da vida no coração da Bíblia reforça que Jesus é a fonte de água da vida. Como filhas e filhos de Deus temos o compromisso de sensibilizar as pessoas da importância do meio ambiente, por sermos parte fundamental da criação divina.

Uma provocação a partir da vida

Considerando as atuais condições de vida no planeta terra, com a devastação das florestas, a escassez de água e o acúmulo de lixo, as comunidades de fé também devem firmar seu compromisso de apoiar e incentivar a defesa da preservação do meio ambiente. Como coparticipantes da criação, nossa responsabilidade é zelar, cuidar, promover ações que possam dar uma melhor qualidade de vida ecológica. Entre as múltiplas ações na pauta ecológica, precisamos priorizar a água.

Baseados nos valores do Reino de Deus, de que maneira podemos pensar numa proposta de desenvolvimento que nos assegure que a vida não será mais destruída em nome do capital? Como garantimos o progresso atendendo ao chamado ético do cristianismo de cuidado e zelo com toda a criação? O que podemos fazer como igreja de Jesus para garantir o acesso à água potável, à qual todas e todos temos direito? Como engajamos nossas comunidades na luta por justiça socioambiental, compreendendo Deus como parte de tudo que há?

São as tantas cisternas rachadas deste mundo que nos têm distanciado de Deus, fonte de água viva. Só deixaremos de ter sede quando nos

arrependermos e nos voltarmos a Ele. Ele que se manifesta em cada rio, em cada árvore, nos animais, no mar, no ar. É tempo de destruir as cisternas rachadas e de reconectar-nos à verdade manifesta de Deus em toda a natureza.

O tema da campanha desse ano abre uma maravilhosa oportunidade para nós vivenciarmos, como igreja, um discipulado corajoso e transformador que possa assumir um compromisso com a dignidade da criação de Deus.

Meditar a partir da música "Canção pela vida"

Canção pela vida
(Zé Vicente)

Passarim, meu passarinho,
desapareceu no mato
e o mato, meu matinho,
desapareceu no fogo,
mas o fogo morreu cedo,
deixou cinzas no meu peito.

Meu tatu, meu tatuzinho,
se escondeu, buraco fundo
homem cavou meio mundo,
mas a fome nunca passa,
quem tá vivo vira caça
e deixa um gosto de saudade!

Meu índio, meu indiozinho,
sou caboclo amansado;
minha avó pegada a dente
de cachorro bem treinado,
onde foram meus parentes?
Meu paraíso encantado?

Deixa eu cantar as mágoas
sobre as águas poluídas;
deixa eu chorar as feridas
de minha terra, minha gente,
deixa eu plantar no presente
uma canção dolorida!

Um instante de silêncio
e esta canção pela vida!

AS ÁGUAS DO AMAZONAS PEDEM SOCORRO

O rio Amazonas atravessa os estados do Amazonas e do Pará até chegar a sua foz, com 300 km de largura. É o maior rio do mundo em volume de água e em extensão, com 6.992,06 km.

Josana Pinto da Costa, 43, pescadora artesanal, vê com tristeza o descaso com as águas do rio Amazonas. Ela e seu companheiro vivem da pesca desde 1993. Filha de agricultores, criou 3 filhos através dessa atividade, na comunidade de Amador, no município de Óbidos, às margens do Rio Amazonas, no estado do Pará. "Ás águas do Amazonas pedem socorro", afirma Josana relembrando o ocorrido na cidade de Barcarena, no interior do Pará.

Foi o grito da natureza que trouxe à tona a grave contaminação dos rios da região, causada pelo vazamento de bauxita das operações da empresa mineradora Hydro Alunorte, em fevereiro de 2018. Bastaram dois dias de fortes chuvas para que a subida do nível das águas revelasse a cor avermelhada da contaminação. O Ministério Público (MP) do Pará recebeu denúncias da população atingida, preocupada com a situação, mas os fiscais da Secretaria do Meio Ambiente do Estado (Sesma) inspecionaram a mineradora e informaram que não havia vazamento. Os laudos não convenceram. O vazamento da barragem de rejeitos da empresa Hydro

Alunorte provocou a contaminação e propagou doenças em várias cidades ribeirinhas do Pará. Segundo Jackson Dias, do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), cerca de 15 a 20 mil famílias foram atingidas por essa poluição na bacia do rio Pará. A perícia constatou ainda a existência de um duto clandestino que conduzia resíduos poluentes para cursos d'água na região. Um ano depois da constatação do crime ambiental, a empresa segue negando que tenha ocorrido um vazamento e, com isso, protelando a atenção aos atingidos.

"A atividade mineradora tem soterrado muitos rios e igarapés, áreas onde quem vive da pesca artesanal exerce sua atividade. Os rios, antes cristalinos, agora parecem desprovidos de vida. Os peixes morreram, graças aos dejetos jogados em suas águas por empresas como a Hydro Alunorte e a Alcoa. Sem falar nos rios que foram soterrados pela escavação na extração do minério. Tudo que é extraído da terra pelas mineradoras acaba com nossas águas, a água que bebemos, que cozinhamos, a água em que pescamos", afirma Josana. A pescadora alerta que ainda há muito o que denunciar e resistir para que essa situação não piore. Entre Juriti e Santarém, nos municípios de Lago Grande e Óbidos, está em andamento um mapeamento pela Alcoa para retirada de várias famílias que estão sobre uma área já identificada como uma grande mina de bauxita. Além da proximidade de reservas indígenas, essas áreas são habitadas por populações tradicionais. São cerca de 75 comunidades que representam mais de 10.000 famílias ribeirinhas.

Há também a contaminação das águas pelo esgoto das cidades, que é jogado diretamente no rio, e pelo veneno que vem do ar. "A pulverização por agrotóxicos em áreas de várzea que alagam todo ano e aonde se ateia fogo para ampliar as regiões de pastagens leva também para as águas doces mais contaminação. A Cargill, poderosa representante do agronegócio em Santarém, com a instalação de portos para escoamento dos grãos que produz, também tomou uma grande área de praia, local de ancoragem de embarcações e da atividade pesqueira nos períodos de cheia.

O Movimento dos Pescadores e Pescadoras Artesanais (MPP) é formado por homens e mulheres que produzem alimentos saudáveis e contribuem para a soberania alimentar do país. Essas pessoas têm um importante papel de defesa do território pesqueiro e de preservação das águas no país. Em parceria com o CPP – Conselho Pastoral dos Pescadores – o movimento promove oficinas para sensibilizar as comunidades ribeirinhas dos danos causados por grandes empreendimentos e debater o Projeto de Lei de Iniciativa Popular que cria um marco legal para a garantia e manutenção do território. Josana, uma das facilitadoras das oficinas revela: "No Pará a luta é contra o hidro, o agro e o minério-negócio que tem atingido a nossa forma de viver, a nossa cultura e a nossa soberania alimentar. É necessário aliar-se a outras vítimas que são atingidas por esse modelo desigual do lucro e do capital que se sobrepõe à dignidade e ao bem-viver das comunidades tradicionais do Brasil. Já somos historicamente explorados pelos atravessadores, que compram nosso pescado por cerca de R$ 0,90 e revendem nas cidades por R$ 7,00 a R$ 9,00. É muita exploração de todos os lados As comunidades ribeirinhas do Pará assistem à chegada do tal 'progresso', intensificado a partir de 2014, com a atuação de mineradoras e afirmam: 'O que é progresso para eles é morte e destruição para nós'".

Mesmo com tantas violações, Josana é motivada pelo orgulho e alegria de ser pescadora, e com esperança acredita na união e na articulação dos movimentos sociais frente a tantas violações de direitos: "É preciso lutar com dignidade para garantir o bem-viver das comunidades tradicionais no Brasil".

Bibliografia

FERNANDES, Leonardo. *Barcarena: há um ano, mais uma tragédia marcava a mineração no Brasil*. São Paulo. 17 fev. 2019. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/02/17/barcarena-ha-um-ano-mais-uma-tragedia-marcava-a-mineracao-no-brasil/>. Acesso em:13 ago. 2019.

Falta de água:

Um problema com nome de mulher

Claudia Florentin Mayer[8]

Quadros jurídicos

A importância de envolver homens e mulheres na gestão da água e do saneamento foi reconhecida em todos os níveis, começando com a Conferência das Nações Unidas de Mar del Plata em 1977, a Década Internacional de Água Potável ea Saneamento (1981-1990) e a Conferência Internacional sobre Água e Meio Ambiente, em Dublin, em janeiro de 1992, que reconhece explicitamente o trabalho fundamental das mulheres na provisão, gestão e proteção da água.

Referência é feita novamente a este item na Agenda 21 (Capítulo 18) e no Implementação de Joanesburgo.

Além disso, com a declaração da Década Internacional para a Ação "Água, Fonte de Vida" 2005-2015, pede-se a participação e o envolvimento das mulheres nas iniciativas de desenvolvimento da água.

---

8 Membro da Igreja do Rio Valdese Del Rio La Plata. Feminista Jornalista Graduado em teologia no ISEDET. Especializada em Direito da Mulher pelo Diploma Universidad Austral-Argentina em mudanças climáticas e meio ambiente. Membro do Red TEPALI-Enlace cone sur. Editora e diretora adjunta da ALC Notícias.
Texto gentilmente cedido pela Christian Aid Programa Brasil.

- Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) pedem a redução de barreiras e isso tem um significado especial para a questão de gênero.
- Embora a Igualdade de Gênero tenha seu próprio objetivo (ODS 5), ela não pode ser alcançada sem atingir todas as outras metas e objetivos e vice-versa.

Como podemos garantir a educação para todas as meninas (ODS 4) sem primeiro criar um ambiente que lhes permite ir à escola, tendo, por exemplo, casas de banho adequadas e água nas escolas (ODS6), levando-as a sair da pobreza (ODS 1), garantindo que elas não passem fome ou sejam desnutridas (ODS 2) ou garantam que não vivem em países em guerra (ODS 16)?

A água também é uma parte crucial da adaptação às mudanças climáticas e é o elo crucial entre a sociedade e o meio ambiente.

A água é, além disso, uma questão de direitos. À medida que a população mundial cresce, há uma necessidade crescente de conciliar a competição entre as demandas comerciais dos recursos hídricos para que as comunidades tenham o suficiente para suprir suas necessidades. Em particular, mulheres e meninas devem ter acesso a instalações sanitárias limpas que respeitem a privacidade para que possam gerenciar a menstruação e a maternidade com dignidade e segurança, afirma a ONU.

O direito de regar

- Um dos marcos recentes mais importantes foi o reconhecimento pela Assembléia Geral das Nações Unidas do direito humano à água e ao saneamento em julho de 2010. A Assembléia reconheceu o direito de todos os seres humanos a ter acesso a uma quantidade de água suficiente para uso doméstico e pessoal (entre 50 e 100 litros de água por pessoa por dia) e que seja seguro, aceitável e acessível (o custo da água não deve exceder 3% da renda familiar),

e acessível fisicamente (a fonte deve estar a menos de 1.000 metros de distância da casa e sua coleta não deve exceder 30 minutos).

- Os desafios da agua https://www.iagua.es/blogs/pablo-gonzalez-cebrian/cuales-son-desafios-agua
- 2,1 bilhões de pessoas não têm acesso a serviços de água potável seguros gerenciados de maneira segura (WHO/UNICEF 2017).
- 4,5 bilhões de pessoas carecem de serviços de saneamento seguro gerenciados (WHO/UNICEF 2017).
- 340.000 crianças menores de cinco anos morrem todos os anos de doenças diarreicas (OMS/UNICEF 2017).
- A escassez de água já afeta quatro em cada dez pessoas (OMS).
- 90% dos desastres naturais estão relacionados à água (UNISDR).
- 80% das águas residuais retornam ao ecossistema sem serem tratadas ou reutilizadas (UNESCO, 2017).
- Cerca de dois terços dos rios transfronteiriços do mundo não possuem uma estrutura de gestão cooperativa (SIWI).
- A agricultura representa 70% da extração de água do mundo (FAO).
- Aproximadamente 75% de todas as retiradas de água industriais são usadas para produção de energia (UNESCO, 2014).

Água e justiça de gênero

Conceitos-chave

Sobre o que estamos falando quando falamos de gênero?

Refere-se aos papéis sociais e relacionamentos entre mulheres e homens. Eles incluem as diferentes responsabilidades atribuídas a homens e mulheres em uma determinada cultura. Ao contrário do sexo biologicamente determinado, os papéis de gênero para mulheres e homens são socialmente determinados e podem mudar com o tempo ou variar de acordo

com a localização geográfica e o contexto social. A igualdade de gênero é entendida no sentido de acesso igual e equitativo a recursos, oportunidades e direitos. Em situações de desigualdade de gênero, geralmente são as meninas e mulheres desfavorecidas, excluídas dos processos políticos e do acesso a recursos econômicos e sociais.

Justiça Climática

É um chamado para aliviar a desigualdade de peso causado pelas alterações climáticas e transformar as relações sociais que levam à desigualdade, especificamente a ecológico econômico, político e geraram e perpetuaram a exclusão, a pobreza ea marginalização de grupos específicos, como as pessoas indígenas, mulheres e outros grupos vulneráveis.

As dimensões de gênero têm estado ausentes nos principais acordos globais sobre mudança climática global, por isso é necessário colocá-los no centro da discussão. A justiça climática deve ser incluída não apenas em discursos e políticas para a mudança climática, mas também nas políticas editoriais dos meios de comunicação de massa.

Vulnerabilidade

Referem-se à exposição que as pessoas têm a riscos externos, choques e tensões e sua capacidade de lidar com elas e se recuperar dos efeitos resultantes. A vulnerabilidade pode diferir dependendo do momento da vida em que as pessoas estão. Difere entre os vários grupos de uma comunidade ou indivíduos em um lar, dependendo de suas atividades econômicas e classe social. As pessoas recorrem a uma série de estratégias de resposta para lidar com os momentos de tensão, embora muito provavelmente as estratégias disponíveis para os mais pobres sejam muito limitadas e menos resilientes.

Por que incluir a dimensão de gênero?

O Mainstreaming[9] de Gênero é o processo de avaliar as implicações para homens e mulheres de qualquer plano de ação, incluindo legislação, políticas ou programas realizados em qualquer área e em qualquer nível. É uma estratégia para tornar as preocupações e experiências de mulheres e homens uma dimensão integral que é aplicada ao desenho, implementação, monitoramento e avaliação de políticas e programas de todas as esferas, para que homens e mulheres se beneficiem igualmente de todas elas.

Por que incluir as necessidades das mulheres em relação à água?

- As mudanças na produção agrícola devido às mudanças climáticas globais têm um efeito crucial sobre a situação das mulheres, dado o papel fundamental que desempenham na produção de alimentos. As mulheres produzem, colhem e preparam a maior parte da comida no mundo; as mulheres são responsáveis por 75% da produção nacional de alimentos na África subsaariana, 65% na Ásia e 45% na América Latina. A produção de alimentos não se mantém sem água.
- Encontrar e transportar água, um recurso vital para toda a comunidade, é uma tarefa tradicionalmente feminina. Quando esse recurso é escasso, a carga de trabalho para as mulheres aumenta. O atendimento na escola e os cuidados de saúde para mulheres e meninas diminuem substancialmente à medida que a distância física para encontrar o fluido vital aumenta.
- Recomendo assistir a este vídeo:
  https://www.youtube.com/watch?v=xBNDZm6sXQU

9 *Mainstream* é um conceito que expressa uma tendência ou moda principal e dominante. A tradução literal de *mainstream* é "corrente principal" ou "fluxo principal". Em inglês, *main* significa principal, enquanto *stream* significa um fluxo ou corrente.

- A migração como consequência das alterações climáticas e da falta de água ou grandes inundações afecta as mulheres que, em muitos casos, são chefes de família, geralmente pobres. As mulheres são mais seriamente afectadas em comparação com os homens quando são forçadas a emigrar e a encontrar novos recursos, embora continuem a assumir as responsabilidades de cuidados e atenção nos seus ombros.
- A segurança das mulheres também se torna mais vulnerável quando elas precisam viajar distâncias ou ir a poços comunitários em momentos diferentes.
- A condição nutricional de uma pessoa é um fator determinante para sobreviver aos efeitos de desastres naturais. As mulheres são mais propensas a sofrer de deficiências alimentares e de hidratação. Quando a comida e a água são escassas, as mulheres primeiro alimentam seus filhos e filhas e os outros membros da família antes de si.
- A falta de saúde devido às condições de pobreza, somada à falta de água segura e acessível, gera condições favoráveis para a disseminação de doenças, bem como complicações de saúde sexual e reprodutiva.
- Veja a experiência de gestoras de água para as suas comunidades na Nicarágua: https://ongawa.org/el-agua-es-cosade-mujeres.

Séverin Deneulin e Carole Rakodi têm mostrado recentemente que no desenvolvimento de estudos de um tradicionalmente secular e especialmente relutantes em diálogo com confesional- ator em décadas recentes academia tem havido um interesse crescente no papel das religiões e organizações de inspiração religiosa. A necessidade de rever os orçamentos que são baseados estudos de desenvolvimento reflete não apenas que a política ea religião estão ligados de forma complexa, mas as religiões são players globais com uma forte presença local. De fato, as organizações religiosas

são algumas das organizações sociais mais importantes em muitas sociedades, tendo mantido – ou mesmo aumentando – sua influência.

Conscientes desse papel gravitacional como comunidades de fé, devemos trabalhar nossa teologia para ler os sinais desses tempos e dos problemas e sofrimentos de nosso povo.

Não podemos falar de uma teologia dos pobres, oprimidos, nas margens, vulneráveis às alterações climáticas, sem acesso aos recursos básicos, sem necessariamente falando de mulheres como pobres, oprimidos, explorados, sem acesso a recursos: cerca de metade do planeta que sofre e de forma diferenciada por causa de sua condição de gênero.

E não podemos pensar em uma teologia que evite a leitura crítica das razões políticas, econômicas e sociais que geram mudanças climáticas, vulnerabilidades, marginalização, pobreza, desigualdade. **Portanto, uma teologia de gênero profética é necessária.**

A encíclica Laudato Si, tão preponderante neste tempo na consciência para a ecologia integral, diz:

> Uma verdadeira abordagem ecológica sempre se torna uma abordagem social, que deve integrar a justiça nas discussões sobre o meio ambiente, para ouvir tanto o clamor da terra quanto o clamor dos pobres (Laudato Si '49) .iv

A Aliança Mundial das Igrejas Reformadas (WARC) em sua 24ª Assembléia Geral em Gana (Accra, 2004) publicou um documento que vinha trabalhando desde Debrecen 1997. O texto é conhecido hoje como a "Confissão de Acra" e é o resultado de a preocupação que um grande setor das igrejas da tradição reformada tem levantado sobre sua jornada pelo mundo no alvorecer do século 21:

> Para ler os sinais dos tempos – Nós ouvimos que a criação continua gemendo, em cativeiro, esperando por sua liberação (Ro 8:22). O grito de pessoas que sofrem e as feridas da própria criação estão nos questionando.

> Observamos uma drástica convergência entre o sofrimento das pessoas e o dano causado ao resto da criação. 6. Os sinais dos tempos tornaram-se mais alarmantes e temos que interpretá-los. As causas subjacentes dos tremendos perigos para a vida são, acima de tudo, o produto de um sistema econômico injusto, defendido e protegido pela força política e militar. Os sistemas econômicos são uma questão de vida ou morte.
>
> É uma ideologia que argumenta que não há alternativa e requer uma cadeia infinita de sacrifícios para os pobres e para a criação. Promete a falácia de salvar o mundo criando riqueza e prosperidade, atribui soberania sobre a vida e requer lealdade total que equivale à idolatria.
>
> Acreditamos que Deus selou uma aliança com toda a criação (Gn 9: 8-12). Deus criou uma comunidade terrena baseada em uma visão de justiça e paz. O pacto é uma dádiva da graça que não é vendida no mercado (Is 55: 1). É uma economia de graça para toda a criação como nosso lar. Jesus nos mostra que esta é uma aliança inclusiva na qual os pobres e marginalizados são parceiros preferenciais, e nos chama à justiça para "os pequeninos" (Mt 25:40) é a espinha dorsal da nossa comunidade da vida, diz a Confissão Reformada.

Nesta aliança, toda a criação é abençoada e incluída (Oséias 2:18 e ss.). Diz Acra, sem mencionar especificamente a dimensão de gênero, deixa em aberto o compromisso de denunciar sistemas que sustentam a desigualdade e excluem mulheres.

Gênesis 16 e acima nos dá um personagem que muitas vezes é esquecido, mas fundamental. É sobre Hagar, uma mulher estrangeira, uma escrava, que se torna a destinatária de uma promessa de Deus. Uma mulher que recebe duas vezes a presença divina ao lado de poços de água – um elemento central para as aldeias desérticas. A conexão da água com a promessa de vida plena e com a inclusão de uma pessoa que está fora do modelo social aceito: mulher, escrava, estrangeira, mãe sozinha.

Bibliografia

FERNANDES, Leonardo. *Barcarena: há um ano, mais uma tragédia marcava a mineração no Brasil.* São Paulo. 17 fev. 2019. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/02/17/barcarena-ha-um-ano-mais-uma-tragedia-marcava-a-mineracao-no-brasil/>. Acesso em: 15 ago. 2019.

FLORENTIN, Claudia. *El agua y las mujeres en clave teológica.* 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5QRWUYyrYnI>. Acesso em: 20 ago. 2019.

FRANCESCO. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/vatican/it.html>. Acesso em: 23 ago. 2019.

HERRAMIENTAS para un Aprendizaje para un periodismo de género ético y políticas en las empresas editoriales ©Creative Commons de WACC y IFJ, 2012, aportes de la autora.

ONU, Naciones Unidas. *Assuntos que nos importan: Agua.* Disponível em: <https://www.un.org/es/sections/issues-depth/water/index.html>. Acesso em: 25 ago. 2019.

TATAY, Jaime. *Creer en la sostenibilidad las religiones ante el reto medioambiental.* Cristianisme i Justícia, Barcelona, 2019, p. 5.

WCRC: Confesión de Accra: http://wcrc.ch/wp-content/uploads/2015/06/TheAccraConfessionSpanish.pdf.

Fama 2018:

Mensagem das Religiões e Espiritualidades aos Povos[10]

As águas convocam

Nós, membros de diferentes tradições religiosas e espiritualidades, nos reunimos no Fórum Alternativo Mundial da Água realizado em Brasília/Brasil, nos dias 17 a 22 de março de 2018, para afirmar as Águas como Dom de Deus, Direito de todas as criaturas e Bem comum. Sentimo-nos convocados e convocadas pelas águas para ouvir seus clamores que brotam das graves situações socioambientais causadas pela ganância do ser humano que o leva a usar irresponsavelmente os recursos naturais. Armamos a nossa Tenda Inter-religiosa no FAMA 2018 e, em diálogo com os povos originários, movimentos populares, ONGs e outras organizações da sociedade civil, a partir dos nossos credos e em sintonia com toda a criação, afirmamos que a água é um direito e não mercadoria.

As nossas tradições religiosas e espirituais têm uma relação profunda com as águas. Elas nos vinculam com a realidade do Transcendente através de nossas liturgias, de nossos ritos de iniciação, de purificação, de louvação e de agradecimento. Elas expressam características do criador, como **Vida** – sem água não há vida; **Gratuidade –** a água não é mercadoria; **Liberdade** – a água não pode ser privatizada; **Comunhão** – a água é

10 Fórum Alternativo Mundial da Água. Brasília, 22 de março de 2018.

um bem comum. Por isso, as águas têm para nós uma dimensão sagrada em sua origem e em sua finalidade: a vida que do divino procede e se realiza na existência de todas as criaturas. Como elemento vital as águas entrelaçam o natural e o espiritual, o sagrado e o profano, a mística e a política, a individualidade e a comunidade. Elas conectam os diferentes contextos locais e globais onde o curso da vida percorre na direção da fraternidade entre os povos, que partilham desse elemento essencial a todos: a água.

As águas clamam

As águas têm um movimento próprio, como um ser vivo que precisa seguir livremente o seu curso para gerar e sustentar outras vidas. Mas elas sofrem hoje os efeitos de um sistema movido por ambições de lucro e as consequências das mudanças climáticas, que alteram os seus ciclos e ameaçam a vida no planeta. Por isso as águas clamam por justiça socioambiental que supere os projetos de privatização, mercantilização e a depredação da natureza.

O FAMA 2018 acontece no Brasil, onde as restrições do acesso à água expressam as escandalosas desigualdades sociais: o país que guarda 12% das reservas de água do mundo tem mais de 80% do seu povo sem acesso à água de qualidade. Cerca de 1/3 da população mundial está na mesma situação e mais da metade da humanidade não usufrui de saneamento básico seguro. Há tentativas de respostas meramente técnicas a esses problemas; outros apresentam soluções com interesses de obter lucros diante das graves situações em que se encontram os nossos mares, aquíferos, rios, córregos e nascentes. Tais propostas afetam diretamente os nossos povos, sobretudo indígenas, quilombolas, ribeirinhos e habitantes das periferias das cidades, aumentando ainda mais as desigualdades sociais e os sofrimentos principalmente de mulheres e crianças.

Nesse contexto, ouvimos o clamor das águas por justiça e por direitos. A água é dom de Deus e não propriedade privada para ser comprada

e vendida. Por isso, o acesso à água de forma gratuita e livre é um direito de todos e todas. Para nossas tradições religiosas e espiritualidades, essa é uma forma privilegiada de viver a nossa fé no criador das águas de todo o planeta. Como nos ensinam os povos indígenas: se as águas nos foram dadas de graça, por que pagar por elas?

As águas nos enviam

Unimo-nos às vozes que denunciam toda ação que atenta contra o valor sagrado da água, transformando-a em mercadoria desprovida de vida e de direitos. Como religiosos e religiosas alçamos nossa voz profética, denunciando os projetos de morte e defendendo propostas éticas e políticas que superem a desordem provocada pelas injustiças sociais e ambientais. Para isso propomos como ações concretas:

Formação espiritual e teológica, técnica e política, que permita promover comunidades como sujeitos de relações justas para com a natureza, especificamente a água e seus territórios;

- **Ações de articulação, aliança e incidência** que vinculem agendas locais com os processos regionais e globais de desenvolvimento sustentável, justiça climática e combate às desigualdades socioculturais;
- **Estratégias comuns de comunicação** que favoreçam intercâmbios de experiências e de saberes, ações de denúncia pública e divulgação das alternativas que envolvem os povos nos processos de justiça para com a água e toda a criação.

Convocamos todos os credos e as organizações baseadas na fé para que se integrem às vozes proféticas e às ações transformadoras na sociedade brasileira, latino-americana e de todos os continentes, vinculando mística e política no fortalecimento de projetos locais e globais que defendem as nossas águas como direito e não mercadoria, por serem elas dom de Deus e bem comum.

Referências de Vídeos sobre a luta pela água no Brasil

ASSEMBLEIA DA CESE 2019. Coordenadoria Ecumênica de Serviço. 19’58’’. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=C_DZ6RtKfEc>. Acesso em: 09 set. 2019.

Crime- tragédia de Brumadinho (MG). Coordenadoria Ecumênica de Serviço. 08’24”. Disponível em: <https://youtu.be/j2R-pOswkzQ>. Acesso em: 09 set. 2019.

Assembleia Anual da CESE 2017. Coordenadoria Ecumênica de Serviço. 11’15”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OhqQOSKiGu0>. Acesso: 09 set. 2019

Brumadinho: Quando o Lucro Vale Mais [DOC]. Movimento dos Atingidos por Barragens.34’51”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ack1QctLvf8>. Acesso: 09 set. 2019.

A vale acabou com vidas, e já sabia!. Movimento dos Atingidos por Barragens. 01’39”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=T8svUTWzHvk>. Acesso: 09 set. 2019.

Procissão Marítima dos Pescadores. Movimento dos Atingidos por Barragens. 03’07”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FM1_XbTIrBY>. Acesso: 09 set. 2019.

6 Meses do crime da Vale em Brumadinho. Movimento dos Atingidos por Barragens. 06’48”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=g5T8nAzKK3k>. Acesso: 09 set. 2019.

Direitos das Mulheres Atingidas por Barragens. Movimento dos Atingidos por Barragens e a Christian Aid. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=C5u0KxMxP74>. Acesso: 09 set. 2019.

Água é bem comum, território, alimento e vida - FAMA 2018. Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional (FASE). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=W-JtNi-ifJs> Acesso: 09 set. 2019.

Água - Direito à Cidade e Justiça Ambiental. Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional (FASE). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EH4mzA0zI9Y>. Acesso: 09 set. 2019.